

- GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*. Tradução de Julio Paulo Tavares Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LATOURELLE, René. *Jesus existiu? História e hermenêutica*. Tradução de Carlos Felício da Silveira. Aparecida: Santuário, 1989.
- LUZ, Ulrich. *El Evangelio segun San Mateo: Mt 1–7*. Vol. 1. Salamanca: Sigueme, 1993.
- \_\_\_\_\_. *El Evangelio segun San Mateo: Mt 18–25*. Vol. 3. Salamanca: Sigueme, 1993.
- MOULTON, Harold K. *Léxico grego analítico*. Tradução de Everton Aleva de Oliveira e Davi Miguel Manço. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- TASKER, R.V.G. *O Evangelho Segundo Mateus: introdução e comentário*. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 2006.
- WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 6ª ed. São Paulo: Paulus/São Leopoldo: Sinodal, 2009.

Recebido em: 20/05/2016.

Aprovado em: 26/09/2016

## Nomadismo em Antonio Vieira: do sagrado ao secular

Nomadism in Antonio Vieira:  
from the sacred to the secular

Murilo Cavalcante Alves\*

Minha pátria é a língua portuguesa

Fernando Pessoa

**Resumo:** A vida e a obra do jesuíta Antonio Vieira se integram de tal modo que refletem o espírito da época do orador-escritor luso-brasileiro. Época de transição, de mudanças significativas e contrastantes na mentalidade europeia, de tal modo que Vieira, colocado no centro dessas tensões, como evangelizador a serviço da Contrarreforma católica, só poderia se expressar como o fez, caracterizando-se como uma espécie de “nômade”, com ressonâncias metafísicas, que definiriam seu modo de ser e agir.

**Palavras-Chave:** Antonio Vieira; Nomadismo; Orador-escritor; Luso-brasileiro; Sagrado; Secular.

**Abstract:** The life and work of the Jesuit Antonio Vieira are integrated in such a way that reflect the *zeitgeist* of the Luso-Brazilian spea-

\* Professor Adjunto do Curso de Letras da UFAL - Campus do Sertão; Especialista em Metodologia do Ensino Religioso - UNINTER; Especialista em Filologia - PUC-MG; Especialista em Estudos Clássicos – UNB. E-mail: professor.mca@gmail.com

ker-writer. Transition time, of significant and contrasting changes in the European mentality, so that Vieira, placed in the center of these tensions, as a preacher in the service of the Catholic Counter-Reformation, could only express how he did it, characterized as a kind of “nomadic” with metaphysical resonances that define his way of being and acting.

**Keywords:** Antonio Vieira; Nomadism; Luso-Brazilian; Speaker-writer; Sacred. Secular.

## Introdução

Aplicando a célebre frase de Buffon, de que “o estilo é o próprio homem”, à vida e obra do jesuíta luso-brasileiro Antonio Vieira, podemos afirmar que sua vida e obra se integram de tal modo que uma justifica e explica a outra. Ou seja, para se entender as singularidades dessa personalidade multimoda, não se pode desvinculá-la das questões prementes de sua época, em que interagiu de forma efetiva, entrecruzando limites culturais e geográficos, ultrapassando mesmos os limites do que seria esperado de um homem religioso.

Por sua vez, como muitos já acentuaram, principalmente Alcir Pécora, autonomizar o homem Vieira, destacando apenas um dos aspectos múltiplos de sua personalidade, quer seja o do Vieira político, diplomata, orador, ou tão somente escritor, significa mutilá-lo e não assimilá-lo integralmente. Se fosse possível fazê-lo, diríamos que tal possibilidade implicaria em destacar, sobretudo, uma característica que integra todas as outras faces do jesuíta, a do religioso extremado.

José Guilherme Merquior (1996), dentre outros autores, ao acentuar esse caráter multifacetado do orador-escritor luso-brasileiro, é um dos poucos a assinalar essa característica religiosa imprescindível à vida e à mentalidade do jesuíta:

Jesuíta profundamente empenhado no projeto inaciano de colonização do Brasil, português hipnotizado pela mística sebastianista,

defensor dos mercadores judeus, em que via agentes capazes de livrar, pelo capitalismo moderno, o império português da ruína e da sujeição, *Vieira foi um espírito atraído por motivos ideológicos contraditórios*. Membro de uma ordem religiosa essencialmente militante, fez do púlpito uma espécie de alto jornalismo falado, esposando as grandes causas do mundo católico pós-medieval e verberando, com audaciosa veemência, vários preconceitos e misérias do seu tempo. Muitos sermões de Vieira são exemplos incomparáveis de artifício retórico posto a serviço do pensamento crítico. Levado, por formação e por prudência, a amarrar firmemente seus voos oratórios a passagens das Escrituras, ele deu ao sermão forma estrita de um comentário interpretativo – de uma página de hermenêutica. *Seu ponto de partida é sempre a palavra divina ou apostólica*.<sup>1</sup>

De outro modo, em si mesma, essa personalidade multifacetada apresenta um “problema”, como acentuou Merquior, ao assinalar os “motivos ideológicos contraditórios”: Vieira é um homem de transição. Assim, Vieira como contemporâneo de sua época, Vieira como “futurista”, são questões inevitáveis. Muito próximo do século anterior e, por sua vez, na fronteira do século posterior, Antonio Vieira foi, por conseguinte, um homem de duas épocas, de um passado não tão distante, que influenciou toda sua formação; e de um futuro que se afigurou como de grandes transformações, de tal modo que Antonio Sérgio (1951), ao defender e justificar a práxis vieiriana, especula sobre a atuação do jesuíta se tivesse pertencido integralmente a um século mais adiante.

Por outra banda, muito do que em Vieira se tem atribuído à vaidade era acaso o anseio de uma ação vasta e fecunda, imperiosa num espírito tão fervoroso e tão fértil, com a vocação irresistível que vem ligada ao que é Gênio: anseio que nós-outros, os simples homens vulgares, (sem grande sede interior de uma vida mental intensíssima, de larga atuação benemérita) não podemos porven-

<sup>1</sup> MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides*: breve história da literatura brasileira, p. 30-31; grifos nosso.

tura com inteira justiça avaliar. [...] Porque ver o mal no gigante, e não na pequenez que o rodeia? Porque culpar do choque os ativos, esquecendo a oposição dos inertes?... Julgai-o vós; eu não sei; mas seja lá como seja, surpreendo-me por vezes a devanear na hipótese de que se este grande elaborador de ‘figuras’ e de símbolos, se este heróico batalhador por causas justas e grandes, aparecesse no Mundo cento e tal anos mais tarde, em tempos de racionalismo e de reformismo social, – nos daria uma obra revolucionária e tônica, de sugestão perdurável e de dilatado alcance, vindo pois a ser ele a ‘figura’ e o símbolo do pensamento iluminista e emancipador entre nós, – já que dotado de sobejo da fantasia artística, e da flama da eloquência, e do talento literário, que infelizmente faltaram a um Luís Verney. Entre os homens eminentes do nosso rincão lusitano, foi este Hércules do verbo uma das mais claras vítimas (e a maior, porventura) da época e do país em que o destino os lançou.<sup>2</sup>

Desse modo, para se compreender o homem-Vieira é preciso encontrá-lo em sua época, ultrapassar fronteiras, questionar identidades, situá-lo no intervalo e nos limites entre dois séculos, por assim dizer, na transição de duas épocas, de dois mundos, pois tudo isso certamente influenciou seu modo de pensar e predicar, porquanto o orador-escriptor-religioso vivenciou um momento contraditório da história do Ocidente, em que tais contradições possivelmente se projetaram sobre ele próprio.

### No entrecruzamento das fronteiras vieirianas

Nascido em Lisboa, com apenas seis anos de idade Antonio Vieira e família se estabelecem na Bahia. Nos anos que se seguem vai se cristalizar toda sua formação religiosa e intelectual em solo brasileiro, e quando termina o século, destaca-se como a figura intelectual mais expressiva de sua época, de tal modo que se projetou na história do Brasil e de Portugal como um dos seus principais

personagens. Com uma notável singularidade: pregador de duas línguas, dois discursos, duas nações. O caráter itinerante de jesuíta, que em alguns momentos se fixava em solo europeu e interagiu com as principais questões de sua época, ora a serviço da Igreja, ora a serviço da monarquia portuguesa; e, em outras ocasiões, se deslocava em solo brasileiro, do mesmo modo se envolvendo com as questões da Colônia, fez de Antonio Vieira um personagem multifacetado e contraditório, de tal modo que enseja, por parte de alguns críticos, algumas questões sobre sua personalidade como jesuíta, professor, político, estrategista, orador e escritor. De tal modo que algumas especulações são inevitáveis, quando se considera tais facetas de Vieira, como: Vieira cristão-novo? Vieira brasileiro? Vieira português?, dentre outras.

No que se refere às suas ligações com os judeus, Anita Novinsky (2009), estudiosa do judaísmo, em um instigante artigo sobre o pretense “judaísmo dissimulado de Antônio Vieira”, questão ainda não suficientemente esclarecida (vide alguns destes aspectos abaixo, no resumo de Arnaldo Niskier), observa que o jesuíta nunca se integrou ao limitado universo político e religioso português, pois sua ampla visão universal, seu ideário de justiça, e sua crítica à corrupção da Igreja iam de encontro ao fanatismo do mundo lusitano. Por conseguinte, a autora adiciona a essas observações uma série de ações do orador em prol dos judeus perseguidos, e pergunta: “Como entender as contradições, subterfúgios e dissimulações de Vieira?”<sup>3</sup>

[...] Antonio Vieira, personalidade contraditória [...], durante toda a sua vida, esteve envolvido com a questão judaica. Na ‘Esperança de Portugal’ Vieira levou às últimas consequências seu projeto messiânico que é o próprio messianismo judaico, afirmando que *o império de Cristo será na terra e da terra, e não, no céu e do céu*. [...] A sua obra *Esperança de Portugal* e a sua *História do Futuro*, assim como a *Clavis Prophetarum*, foram, em grande

<sup>2</sup> SÉRGIO, António. Prefácio. In: VIEIRA, Antonio. *Obras escolhidas do padre António Vieira*, p. CVI-CVIII.

<sup>3</sup> NOVINSKY, Anita. O judaísmo dissimulado de Antônio Vieira, p. 85.

parte, o produto de sua convivência com os judeus e o líder da comunidade judaica de Amsterdã, Menassé ben Israel e do encontro que teve com os judeus portugueses na França. Antonio Sergio acentua essa influência quando diz: que o *'Deus de Vieira é mais o Deus do Velho Testamento do que o Deus dos Cristãos'*. Antonio José Saraiva lembra-nos que não foi mera coincidência Vieira ter intitulado sua obra *Esperança de Portugal*, mas uma visível e consciente cópia de *Esperança de Israel*, de Menassé ben Israel. Vieira também tinha uma intenção 'encoberta' de unir as duas religiões, a judaica e a cristã e curiosamente, afirmava que os judeus, enquanto esperavam o Messias que viria salvá-los da Inquisição, deviam permanecer 'encobertos'. Para Vieira, foi a vontade de Deus que levou os judeus espanhóis para Portugal em 1492, para que, em um mesmo território, se unissem ambos os povos, judeus e portugueses, e ambas as religiões, num Império Universal.<sup>4</sup>

Na *Clavis Prophetarum*, que Vieira escreveu na Bahia no fim de sua vida, ainda se preocupou com o destino dos judeus. Mostra, então, claramente, sem dissimular, sua inclinação ao Judaísmo. Vieira tira da Autoridade Divina a sorte, as injustiças e as próprias práticas judaicas, tão denegridas em seu tempo e afirma textualmente que as cerimônias judaicas (razão da perseguição e extermínio dos judeus) *'não foram proibidas por Deus, mas pela Igreja'*, portanto, serão permitidas no fim dos tempos e até mesmo a circuncisão. A questão da vinda do Messias, que era crucial nos conflitos entre cristãos-novos e velhos, recebeu também de Vieira, uma resposta que pode ser considerada uma afronta ao Catolicismo de seu tempo. Escreve que a profecia da vinda do Messias, ainda não foi cumprida, pois a condição fundamental para a sua chegada é a Paz. Como as violências, guerras, corrupção são piores em seu tempo do que no passado a paz não existe, e o Messias ainda não chegou. Outra referência aos judeus, cuja promessa Vieira tira de Deus para fazê-la

terrena e torná-la social, é a questão do retorno dos judeus para a Palestina, e diz que não é 'somente uma promessa de Deus, mas é um direito legítimo'.<sup>5</sup>

Arnaldo Niskier (2004) vai resumir de maneira precisa as especulações sobre um possível Vieira cristão-novo. Desta sorte, começa dizendo que esta suspeita vai surgir depois que Vieira iniciou toda uma luta pela causa dos judeus perseguidos em Portugal. E a suspeita se fundamentaria na ideia de que ele, Vieira, seria também de "sangue impuro", já que somente um judeu defenderia de forma tão apaixonada outros judeus.

Do ponto de vista genealógico, o sobrenome Vieira, diz Niskier (2004), constava da genealogia dos cristãos-novos, associado a raízes toponímicas e poderia derivar de dois troncos diversos, tanto o de Vieira do Minho, como o de Vieira de Leiria. Na própria família do padre jesuíta aconteceram diversos matrimônios mistos com pessoas de sangue semita. Dessa forma, muitos inquisidores criam que indubitavelmente Vieira teria sangue hebraico correndo em suas veias. Por sua vez, João Lúcio de Azevedo assinala que os desafetos de Vieira no Maranhão afirmavam que este havia sido "batizado em pé" e, durante muito tempo, este boato circulou na Colônia.

Contraditoriamente, o mesmo João Lúcio de Azevedo, biógrafo de Vieira, em citação de Arnaldo Niskier, vai dizer que Vieira, ao contrário do imaginado, teria algo de mulato, segundo "rigorosa *investigação de sangue*" procedida pelo Santo Ofício, pois a mãe de seu pai Cristóvão Ravasco teria sido uma mulata, e esta teria sido serviçal na casa dos Condes de Unhão, de onde o avô de Vieira teria sido despedido por conta dessa paixão que resultou em casamento. Ainda de acordo com o biógrafo do jesuíta, em citação sublinhada por Niskier (2004), a bisavó de Vieira seria africana vinda para Portugal como escrava.

<sup>4</sup> NOVINSKY, ibidem, p. 24-26; grifos da autora.

<sup>5</sup> NOVINSKY, ibidem, p. 27; grifos da autora.

Finaliza, assim, o autor de “Vieira e os judeus”, com uma citação de Besselaar (1981), que tenta elucidar pelo menos parcialmente a controversa visão do autor do *Sermão do Santíssimo Sacramento* sobre os judeus:

Ao arvorar-se em defensor dos judeus, Vieira tinha sem dúvida objetivos políticos e econômicos, mas não esqueçamos que este utilitarismo estava, em última análise, a serviço de uma grande ideia religiosa. [...] É ainda indubitável que Vieira, nas suas disputas com os judeus em Amsterdã e, mais tarde, em outras cidades da Europa, ficou cada vez mais convencido de que Israel ocupava um lugar bem especial na história da redenção temporal e espiritual da humanidade. Já antes tinha descoberto o judaísmo como um fator importante de progresso social e econômico; agora, em Amsterdã, chegou a ver este lado empírico à luz de uma grande ideia religiosa, sendo que a integração de dados empíricos numa visão religiosa era uma das constantes preocupações de Vieira.<sup>6</sup>

O comentário de Besselaar (1981) vai de encontro a uma visão contemporânea, anacrônica, já denunciada por Alcir Pécora, de autores que querem ver em tudo causas políticas e econômicas quando, como observa, por exemplo, Clóvis Bulcão (2008), as concepções vieirianas quase sempre estão associadas aos fatores de ordem religiosa, como seria de esperar:

Muito antes de Sigmund Freud e Teodoro Hertz, Antônio Vieira via no futuro da humanidade a convivência natural e pacífica entre cristãos e judeus. Foi a primeira pessoa da história moderna a usar o conceito de ‘Nação Hebreia’, engajamento que acabou lhe rendendo, além de diversos problemas, a alcunha de Judas do Brasil. A proteção de cristãos-novos e judeus que falavam português, com suas enormes riquezas, fazia parte de seus planos de dominação.<sup>7</sup>

No entanto, ainda são insistentes as tentativas de transformar Vieira naquilo que efetivamente ele não poderia ter sido, mesmo considerando-se que transitou por mentalidades pertencentes a dois momentos históricos diferenciados, como comenta Alcir Pécora (1992), ao assinalar conclusivamente que a visão anacrônica do orador-escritor luso-brasileiro o descaracteriza totalmente.

Mas ainda mais o tema aturde quando se topa com o emaranhado de equívocos que alguma fortuna crítica acumulou sobre ele. Dois deles, em particular, têm complicado a interpretação verossímil da posição de Antonio Vieira no trato dos índios, e, por extensão, a dos jesuítas, no Brasil Colônia. O primeiro equívoco é do tipo que quer ver em Vieira um ‘progressista’, ou quase, uma ‘consciência possível’ no obscurantismo do passado compreendido em esquema histórico evolucionista. Aqui Vieira antevê e adota, quanto pode, a perspectiva de uma Razão universal que se opõe ao atraso da escravidão, e propõe Igualdade e Liberdade como os fundamentos da sociedade justa. É assim uma espécie de Vieira afrancesado e setencista pré-ilustrado – que surge daí, quando não um Vieira pré-marxista [v. BOSI, Alfredo]. O segundo equívoco, em compensação, erra pelo lado contrário: o progressismo de Vieira, numa leitura rigorista de sua ‘consciência possível’, não seria outra coisa que a face mais amena, logo mais falsa, de um projeto decididamente autoritário e ideológico, em que a oratória das boas intenções não passa do ornato nocivo, a serviço da destruição das nações e valores indígenas, promovida pela gente da Colônia, Metrôpole e Igreja. O ‘progressista’, agora, é só quem o denuncia. Entretanto, a meu ver, nem ilustrado, nem ideólogo; nem libertário, nem retrógrado, *Vieira precisa ser relido à luz da energia de seu estilo no campo de força das crenças de seu tempo: retirá-lo daí é, instantaneamente, renunciar a um retrato crível de sua pregação.*<sup>8</sup>

<sup>6</sup> BESSELAAR, José van den. *Antônio Vieira: o homem, a obra, as ideias* apud NISKIER, Arnaldo. *Padre Antônio Vieira e os judeus*, p. 6; grifos nosso.

<sup>7</sup> BULCÃO, Clóvis. *Padre Antônio Vieira: um esboço biográfico*, p. 12.

<sup>8</sup> PÉCORA, Alcir. *Vieira, o índio e o corpo místico*, p. 423-424; grifos nosso.

Isso significa dizer que, no caso específico de Vieira, o foco deve ser, sobretudo, como também destacou Besselaar (1981), o viés religioso, ou seja, o sagrado sempre deve vir em primeiro lugar.

Mas é ainda Anita Novinsky (2009) quem vai assinalar, a exemplo de outros estudiosos, uma característica que talvez defina de forma mais aproximada a natureza do religioso, orador, escritor e homem aquém e além de sua época: “Vieira, foi, a meu ver, o protótipo do ‘homem dividido’, como o foram Garcia Orta, Bento Teixeira, Spinoza, Uriel da Costa, Antonio Nunes Ribeiro Sanches e milhares de portugueses que permanecerão à margem da sociedade em que viviam”.<sup>9</sup>

Assim, sem entrar nos meandros do imbróglio de um Vieira judaizante, que se afasta dos propósitos do presente artigo, queremos tão somente acentuar essa característica para destacar o caráter “dividido” do jesuíta – principalmente se se pensa no modo negativo como o judaísmo era encarado naquele momento pela Igreja dominante -, por isso, concordamos integralmente com a autora acima, quando vê no orador luso-brasileiro um “homem dividido”.

Aliás, como, de outro modo, lembra Alfredo Cordiviola (2012), ao apresentar um Vieira contraditório que, ao ser evocado em nossa época, é apresentado de forma multifacetada, cujas ações permearam praticamente toda uma ambiência do século XVII do qual participou como autor e protagonista, enfim, um verdadeiro enigma a ser elucidado.

As peripécias que marcam sua trajetória parecem ter sido vividas para favorecer o trabalho dos seus ávidos biógrafos. Do famoso estalo no Colégio à sua atuação como conselheiro de reis e rainhas, das suas intrincadas missões diplomáticas nas cortes europeias aos seus confrontos com os colonos no Grão-Pará, das suas intrépidas viagens de evangelização pelos rios amazônicos à sua fatigosa condição de réu do Santo Ofício, das suas fulgurantes

interpelações no púlpito à sua reclusão final na Bahia, *a longa vida de Vieira parece estar composta por muitas vidas superpostas e dissímiles*.<sup>10</sup>

Contradições presentes também em suas obras, cuja produção não deixa de confluir com sua própria vida itinerante comprometida com as questões mais candentes de seu tempo:

Da mesma forma, quando se examina sua obra, o pragmatismo político que baliza os textos dedicados a lidar com a ocupação holandesa no Brasil entra em colisão com o veemente messianismo dos textos que anunciam a iminente consagração do Quinto Império, e a distinta beligerância dos sermões bate de frente com as mesuradas proposições em defesa de judeus e cristãos-novos. *Esses evidentes contrastes e disparidades (que, contudo, nunca são extemporâneos e estão sempre situados em encruzilhadas históricas muito concretas e específicas) podem ser responsáveis por promover a estranheza diante da sua figura, mas ao mesmo tempo (e paradoxalmente), é mediante esses contrastes que podemos entrever as constantes que atravessam o intenso percurso cumprido pelo jesuíta. Constantes que se revelam entre as muitas caras de um Vieira que soube ser homem de mundo e homem de livros, pregador das metrópoles e das colônias, observador de eventos celestes e terrestres, diplomata, conspirador e visionário. Constantes que se condensam e cobram sentido em duas das suas permanentes vocações: a política e a escrita*.<sup>11</sup>

Esse contraste detectado na personalidade e ações do jesuíta faz com que exista certa indeterminação no momento, por exemplo, de determinar o que mais predominou na sua personalidade. Daí surgirem indagações sobre o caráter luso-brasileiro do jesuíta por conta das constantes viagens, permanência e remissões do orador ao Brasil e Portugal, questões as quais, nas palavras de Alcir Pécora, são irrelevantes, mas que, no entanto, não deixam de interessar,

<sup>10</sup> CORDIVIOLA, Alfredo. O sonhador intransigente ainda ecoa, p. 14; grifos nosso.

<sup>11</sup> CORDIVIOLA, ibidem, p. 14; grifos nosso

<sup>9</sup> NOVINSKY, ibidem, p. 83.

por exemplo, a um crítico como Afrânio Coutinho, ou mesmo Alfredo Bosi, quando este último lembra que “há um inequívoco Vieira brasileiro, se considerarmos a sua intensa experiência missionária no Maranhão e no Pará e os seus últimos anos de vida na Bahia. [...] ele pertence à nossa história colonial tanto quanto à história portuguesa dos Seiscentos.”<sup>12</sup>

Refletindo sobre tudo isso, Wilson Martins (1977), ao realizar uma longa abordagem sobre as duas figuras mais representativas do período colonial, relaciona Antonio Vieira (1608-1697) e Gregório de Matos (1633-1696) como dois “excêntricos” com relação à vida intelectual da Colônia. Com tal afirmação o crítico não se refere às respectivas vidas de ambos como intelectuais na Colônia, o que para ele significa outra coisa, mas ao fato de que “[...] ambos pertencem intelectualmente à Europa muito mais do que à América, a Portugal muito mais do que ao Brasil” (MARTINS, 1977, p. 170) e, ao comentar os anos em que o orador viveu entre Brasil e Portugal, diz que

Entre o nascimento e a morte, num período de 89 anos, dos quais 64 de vida pública (se a datarmos de 1633 quando estreia como pregador na Igreja da Conceição da Bahia), Vieira passou 51 anos no Brasil, o que o faria mais brasileiro do que português. A ‘real realidade’ é, entretanto, bem diversa. [...] de uma vida de 89 anos, Vieira empregou 40 de sua fase adulta e ativa na Europa, sendo esse, também, o período de sua maior glória como orador sacro e a parte mais acidentada de sua carreira de escritor.<sup>13</sup>

Em outro sentido, Martins (2009), ao enveredar nos meandros do controverso itinerário biográfico de Vieira, chega a indagar se alguns dos sermões vieirianos reescritos não poderiam se associar à própria biografia do autor: “Mas poderiam os *Sermões* vieirianos ser considerados, também, como uma autobiografia exemplar, como

a Autobiografia inaciana ou *As confissões* agostinianas?”<sup>14</sup> Possibilidade essa já aventada por Margarida Vieira Mendes (2003), em sua tese sobre a oratória barroca de Vieira:

Tal como S. Paulo, Vieira achou-se instrumento de uma superior e grandiosa missão, e pretendeu inculcar essa estupenda certeza nos outros [...] – certeza essa que, no entanto, afrontava o preceito da humildade.<sup>15</sup>

De fato, a vida de Vieira pode ser lida como metonímia do processo mais abrangente que caracteriza a dinâmica das mentalidades na Era Moderna (dinâmica, aliás, extremamente complexa e conflituosa no contexto do Barroco): a passagem da transcendência à imanência, ou a secularização moderna.<sup>16</sup>

Essa última observação de Mendes de certa maneira já fora antevista por Wilson Martins (1977), em um dos capítulos da sua *História da Inteligência Brasileira*, quando analisou a atuação tanto de Antonio Vieira quanto de Gregório de Mattos Guerra no período colonial de nosso país:

Essas datas [1679, 1682, 1699, 1710, 1718, 1735, 1748: datas de publicações dos Sermões, Cartas, História do Futuro, *Clavis Prophetarum*] apontam para um *fato curioso da história intelectual: é que se, por um lado, Vieira prolonga o século XVI, projeta-se, por outro lado, no século XVIII; [...] a obra de Vieira carregava consigo pelo século XVIII adentro as estruturas mentais do século XVI e condicionava por muitos aspectos em paralelas anacronizantes o iluminismo virtual do pensamento português àquela altura.*<sup>17</sup>

Ainda o mesmo autor, em uma espécie de conclusão, tenta fechar um perfil de Vieira utilizando-se de uma tríade que engloba o religioso (profético), o político e o literato:

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 78, grifos do autor.

<sup>15</sup> MENDES, Margarida Vieira. *A oratória barroca de Vieira*, p. 80.

<sup>16</sup> MENDES, *ibidem*, p. 83.

<sup>17</sup> MARTINS, *ibidem*, p. 172-173; grifos nosso.

<sup>12</sup> BOSI, Alfredo. *O orador das multidões*, p. 34-39.

<sup>13</sup> MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*, 171.

Esboçam-se desde esse momento, quero dizer, desde 1640, os três aspectos intelectuais de Vieira: ideologicamente, ele deve ser julgado pelas obras proféticas, como a *Clavis Prophetarum* e a *História do Futuro*; politicamente, ele deve ser julgado por sua posição em face dos cristãos-novos (Proposta feita a el-Rei D. João IV, em que lhe representava o miserável estado do Reino e a necessidade que tinha de admitir os Judeus mercadores que andavam por diversas partes da Europa, 1643) e da ocupação holandesa (*Papel forte*, 1648); *literariamente, ele deve ser julgado pelos sermões*. A cronologia real não coincide com a cronologia mental: o Vieira político é, com certeza, o do *Papel forte*, mas é também o do *Sermão Pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal*; o Vieira profeta precede, na ordem do tempo, ao Vieira escritor, mas é contemporâneo do Vieira político; e o *Vieira escritor antecede a todos, na medida em que não teriam sido possíveis sem a visão literária do mundo que ele alimentou desde as duas primícias*.<sup>18</sup>

[...] Vieira ‘prolonga uma corrente biblista de teologia da história surgida com as descobertas do século XVI’. [...] ele é anacrônico não por situar-se à frente do seu tempo (para os que, com certeza, o seu gênio nativo o habilitava), mas, ao contrário, por estar sensivelmente retardado com relação a ele. A corrente de pensamento que acreditava encontrar nas Escrituras a prefiguração de toda a história humana, acrescenta Bataillon, é ‘típica do século XVII espanhol e português’; trata-se de ‘pensamento ortodoxo e oficial, não esotérico’. Seria um erro, por consequência, considerá-lo como um ‘moderno’ na eterna querela que, em cada época, opõe os ‘modernos’ e os

‘antigos’; ‘quase tudo o aproxima de Bossuet’,<sup>19</sup> conclui Bataillon,<sup>20</sup> ‘quase nada de Bayle, de Richard Simon ou de Fontenelle’.<sup>21</sup>

Wilson Martins, como se pode perceber, dimensiona Antonio Vieira em sua integralidade, no entanto, ao superestimar o aspecto literário da sermonística vieiriana, autonomiza-o, e, desse modo, incorre no mesmo equívoco dos autores que secularizaram o orador-escritor luso-brasileiro.

Irlemar Chiampi (1994), em suas reflexões sobre o clássico *Sermão da Sexagésima*, também concorda, em parte, com essa visão de Martins (1977), ao observar que

A utopia da evangelização não se afiança com esse quadro por uma remissão ao futuro, mediante a proposta de alguma inovação do método da pregação. Antes, Vieira elabora o projeto utópico pela remissão ao passado. Os acoplamentos nocionais antitéticos são estabelecidos não apenas para opor o bom ao mau sermão, mas também para opor ‘outrora’ a ‘hoje’. Vieira compara o tempo presente ao outrora dos Patriarcas e dos Santos Padres radiante de verdade, para rejeitar a atualidade. Mas não apresenta uma ‘visão crepuscular’ com uma voz que profetiza um fim, num pessimismo contemplativo.<sup>22</sup> Ao contrário, o sermonista crê que ainda é possível reverter o estado atual das coisas. Semanticamente, ele

<sup>19</sup> Essa aproximação de Vieira a Bossuet foi tratada de forma profunda por Mary Gotaas (1953), autora cuja obra é imprescindível para o estudo dos dois autores, eis o que diz sobre o livro da *scholar* americana o crítico brasileiro Afrânio Coutinho: “Para ela, o sermão no século XVII era considerado a réplica cristã à oração clássica. Mostra a natureza moral e didática do sermão, invariável quanto à temática entre Morte, Honra, Ambição, Caridade, Paixão, Transfiguração, e outros, oriundos da Bíblia, da História, da Mitologia Clássica, da Filosofia, da Política etc. Põe em destaque a situação polar do alto período barroco (1580-1680), atraído pelos extremos da Terra e do Céu, sensualismo e religiosidade, conhecimento natural e fé supernatural. [...] A autora esgota o estudo da forma barroca, estudando ainda o papel do epíteto, da personificação, da metáfora, do vocabulário, da estrutura da sentença, da linguagem-eco. É um trabalho valioso na identificação do Barroco como estilo individual e de época”. COUTINHO, Afrânio. *Impertinências*, p. 71-72.

<sup>20</sup> Marcel Bataillon, autor de “Le Brésil dans une vision d’Isaïe selon le P. Antônio Vieira”, no *Bulletin des Études Portugaises*, Lisboa, 1964. Tomo 25.

<sup>21</sup> MARTINS, *ibidem*, p. 192; grifos nosso.

<sup>22</sup> Nota de Chiampi: “A visão crepuscular é o ‘núcleo irradiante’ do panfleto, no qual o panfletista se apresenta como uma voz *après le déluge* que profetiza o fim (cf. Marc

<sup>18</sup> MARTINS, *ibidem*, p. 174; grifos nosso.

passa de uma *falta* a uma *restituição*, mesmo se constata que há decadência ou atesta um sentimento de nostalgia [...].<sup>23</sup>

Mas, mesmo constatando, em suas imprecisões finais contra a decadência da pregação, que são ‘miseráveis’ os nossos tempos, pois neles se veio a cumprir a profecia de São Paulo: *Erit tempus, cum sanam doctrinam non sustinebunt* (p. 45), Vieira orienta a sua peroração para restituir a ‘doutrina sã’ de antigamente, mediante a imposição da cura para salvação das almas, instando os auditores a tomar o remédio, mesmo que não lhes agrade. Há, pois, uma inversão dos valores nos tempos atuais, mas esta é reversível. Ao final, Vieira mais do que esperar um eco à sua palavra, mostra-se satisfeito de ter falado e faz um retorno a si mesmo: ‘Veja o Céu, ainda tem na Terra quem se põe de sua parte. Saiba o Inferno que ainda há na Terra quem lhe faça guerra com a palavra de Deus, etc. (p. 49).<sup>24</sup>

Entretanto, a despeito de algumas das considerações anteriores, que associam a parenética vieiriana à sua própria biografia, concordamos com João Adolfo Hansen (2012) que, ao analisar as determinações do Concílio de Trento, observa que o orador cristão não deve de nenhuma maneira procurar sua própria glória, mas sempre a do referencial cristão, isto é, o próprio Jesus Cristo, para que se edifique o corpo místico da Igreja na unidade do catolicismo.<sup>25</sup> E, ao contrário do que possam sempre especular aqueles que se atêm a um pretense biografismo vieiriano “contaminando” seus sermões, acreditamos que um referencial não deve jamais ser esquecido, o princípio do *ethos* adjacente à retórica greco-latina e, com maior razão, à retórica cristianizada: a personalidade do orador deve se caracterizar como *exemplo* daquilo que afirma, como de maneira cristalina está dito por Vieira no *Sermão da Sexagésima*.

Angenot, op. cit., p. 99”. CHIAMPI, Irlemar. O barroco e a utopia da evangelização (Vieira e o “Sermão da Sexagésima”), nota 14, p. 462.

<sup>23</sup> CHIAMPI, ibidem, p. 462-463; grifos da autora.

<sup>24</sup> CHIAMPI, ibidem, p. 464; grifos da autora.

<sup>25</sup> HANSEN, João Adolfo. Como e por que pregar. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*, p. 37-39.

## Antonio Vieira, o nômade<sup>26</sup> do sagrado

Ainda nesse quadro, vai se destacar uma tese de doutorado que vem elucidar de forma bastante consistente o perfil de peregrino de Antonio Vieira, lançando alguma luz sobre o caráter contraditório da vida e obra do grande escritor luso-brasileiro. Trata-se da esclarecedora obra de Maria Regina Barcelos Bettiol (2008), *A escritura do intervalo: a poética epistolar de Antônio Vieira*, em que a autora introduz a noção de *nomadismo* geográfico e cultural para explicar o modo de ser e de se expressar da figura mais destacada do período colonial brasileiro. Antes de fazer alguns comentários sobre a conceptualização proposta por essa autora, faz-se necessário algumas considerações sobre o termo nômade, surgido no contexto bíblico do Antigo Testamento, bem como a função metafísica do nomadismo.

Com efeito, é interessante se notar que o termo nomadismo – aliás, a autora não o vincula de imediato ao contexto bíblico – faz com que se remonte ao contexto bíblico do Antigo Testamento. Mais exatamente ao livro do Gênesis, no qual é narrado o episódio de Caim e Abel. Diz textualmente o Livro Sagrado: “1. Ora, Adão conheceu a sua mulher Eva e ela concebeu e teve Caim, dizendo: Eu possuí um homem por Graça de Deus. 2. Depois teve a Abel, irmão de Caim. Depois, *Abel foi pastor de ovelhas, e Caim lavrador.*” (Gn 4, 1-2; grifos nosso).

De acordo com René Guénon (1989), o simbolismo bíblico acima representado apresenta Caim como agricultor e Abel como pastor, porque estas eram as duas espécies de povos que existiram desde as origens da atual humanidade, já que os sedentários eram ligados à cultura da terra, e os nômades, à criação de gado. Ou seja, eles representam as funções essenciais e primordiais destes dois

<sup>26</sup> De acordo com o Dicionário Sacconi o termo se origina etimologicamente do grego *nomás, nomád* e significa aquele que apascenta, pelo latim *nomas, nomad*, que também significa pastor. SACCONI, Luiz Antonio. *Grande dicionário Sacconi da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico*, p. 1456.

tipos humanos, considerando o resto como acidental, derivado ou acrescentado. E explica: “Cada uma destas duas categorias tinha naturalmente a sua lei tradicional própria, diferente da outra, e adaptada ao seu gênero de vida e à natureza das suas ocupações”<sup>27</sup>

Guénon (1989), falando ainda da natureza dos povos sedentários e dos nômades, observa que *os sedentários*, ao contrário dos nômades, são responsáveis pela constituição de “[...] símbolos virtuais, imagens feitas de diversas substâncias, mas que, do ponto de vista do significado essencial, se reduzem sempre mais ou menos diretamente ao esquematismo geométrico, origem e base de todas as formações espaciais.”<sup>28</sup> Já *os nômades* “[...] têm símbolos sonoros, os únicos compatíveis com o seu estado de contínua migração.”<sup>29</sup> Dessa forma, segundo esse autor, os sedentários seriam responsáveis pela criação das artes plásticas como arquitetura, escultura, pintura, isto é, “[...] as artes das formas que se desenvolvem no espaço; os nômades criam as artes fonéticas (música, poesia), isto é, as artes das formas que se desenvolvem no tempo”<sup>30</sup>

As observações anteriores de René Guénon (1989) não deixam de ter certa relação com a natureza nômade do Padre Antonio

Vieira. Pregador itinerante, por conseguinte viajante incansável que percorreu alguns países em missões religiosas, sempre utilizou a *palavra* como instrumento de sua missão a serviço da Igreja e da Contrarreforma. E, ao incorporar o espírito desta, vivenciou toda uma experiência de uma Cristandade cujos sinais iniciais de dissolução começavam a se delinear e que vai se acirrar no século seguinte. Nesse aspecto, Vieira foi um homem de fronteiras, de transição, alguém que ao transitar por diversos mundos sentiu talvez uma espécie de desterramento, um sentimento daquilo que anacronicamente poderíamos chamar de espírito de “*outsider*” que se reflete em suas ações e obras. Talvez um exilado em sua própria época. Como observa com propriedade Bettiol (2008):

Praticamente (sic; praticante?) de um nomadismo geográfico e cultural, Vieira sempre experimentou a angústia de sentir-se *out of place* (fora de lugar), de viver no que Tania Carvalhal (1995, p. 704) chama de duplo lugar. As cartas registram suas andanças pelo mundo, suas idas e vindas, sua interminável peregrinação por diferentes países, cidades, domicílios, línguas, funções – e revelam a situação de permanente tensão em que sempre viveu, *oscilando entre duas ordens distintas de mundo*, bem como os conflitos que vivenciou ao longo de sua existência.<sup>31</sup>

A mesma autora assinala que essa geografia do exílio aparece representada na obra de Antonio Vieira de forma exemplar, ela não se constitui apenas em uma temática recorrente, mas em si mesma é como que um testemunho de um escritor cujo percurso de vida foi marcado por inúmeros exílios. Para fundamentar isso, ela se debruça sobre a epistolografia vieiriana que apontaria, na sua opinião, para o caminho de uma geografia cultural, como revelaria o trecho da carta abaixo do próprio Vieira:

<sup>31</sup> BETTIOL, Maria Regina Barcelos. *A escritura do intervalo: a poética epistolar de Antonio Vieira*, p. 78; grifos nosso.

<sup>27</sup> GUÉNON, René. *Os malefícios da psicanálise*, p. 138-139. Mais adiante, na mesma obra, o autor cita uma categoria que denominou de *nomadismo desviado*, de natureza “maléfica”, que atribuiria às pessoas que se afastam das suas tradições. Diz textualmente: “[...] por que os principais representantes das novas tendências, como Einstein, na física, Bergson, na filosofia, Freud, na psicologia, e muitos outros de menor importância, são quase todos de origem judaica? Não será porque há qualquer coisa que corresponde exatamente ao lado ‘maléfico’ e dissolvente do nomadismo desviado, o qual predomina inevitavelmente nos Judeus afastados das suas tradições?”. GUÉNON, *ibidem*, p. 213, nota 1. É claro que esta categoria, mesmo quando se pensa nas aproximações vieirianas com o judaísmo, não se aplica a Antonio Vieira, cuja vinculação inequívoca à tradição católica jamais o afastou desta tradição, se bem que uma autora como Anita Novinsky tente aproximá-lo demasiadamente da mentalidade judaica. Na realidade, Vieira antecipa uma visão religiosa que só começará a se consolidar no século XX com o diálogo religioso inserido no Concílio Vaticano II.

<sup>28</sup> GUÉNON, *ibidem*, p. 140.

<sup>29</sup> GUÉNON, *ibidem*, p. 141.

<sup>30</sup> GUÉNON, *ibidem*, p. 141.

De tudo o mais que tão larga e ponderosamente refere V.Ex.a me parece esta carta um mapa do mundo; e, se assim como nos compassos do mapa estiveram tão abreviadas e juntas as distâncias das terras, oh! Quanto teria eu que dizer a V. Ex.a, que não posso escrever deste outro mundo ou mundos, de que Deus, em quanto foi servido, nos fez senhores! Ao Conde de castelo Melhor – 5 de julho de 1691.<sup>32</sup>

Ou seja, para Bettiol (2008), os textos vieirianos são verdadeiros mapas verbais. Ao configurar textualmente o espaço, expressa metaforicamente sua experiência de viagem, isto é, a experimentação do espaço percorrido, daí ser possível “classificar sua obra dentro da literatura do exílio”.

### Considerações finais

As conclusões dessa autora direcionam, então, para nossas considerações finais, em que retomamos os passos vieirianos nessa confluência itinerante entre mundos em que a História se destaca. Por conseguinte, constatamos que ler o passado sem anacronismos, tentar penetrar em sua mentalidade de tal modo que um pouco reconfigurado seja compreendido pelos contemporâneos nos seus elementos essenciais, não é de nenhum modo tarefa fácil. Para a contemporaneidade, a história do passado quando narrada ou vista nas obras historiográficas, às vezes apresenta-se como algo distanciado e abstrato, sem os traços exatos e vívidos dos fatos acontecidos, e mais do que isso, transformada por vezes em verdadeira letra morta.

No caso de Antonio Vieira tudo se torna mais complexo, por ele estar situado num momento de transição do mundo ocidental que inicia no começo do século XIV com o surgimento do Renascimento, o qual vem derruir toda uma mentalidade dominante, inaugurando, assim, uma nova perspectiva para o Ocidente, e as fases posteriores

desse processo, que vai desaguar nos séculos posteriores da Reforma protestante e da conseqüente Contrarreforma católica.

Desse modo, para se ler Vieira em sua própria época, entendê-lo e situá-lo naquela mentalidade e, por sua vez, projetá-lo no futuro, se faz necessário remissões à mentalidade escolástica do *trivium* e do *quadrivium*, à crise da Cristandade com a insurgência da Reforma e ao papel da Ordem de Inácio de Loyola nesse contexto. Assim, mais do que incluí-lo no cânone literário, objetivo coerente para com uma área de pesquisa que trate da confluência entre a Literatura e a História, far-se-ia necessário de outra maneira também pensá-lo naquilo que efetivamente era, um homem totalmente integrado aos propósitos religiosos de sua época. Mas que, dentro dos propósitos jesuítos contrarreformistas, se destinava a compreender o século e de algum modo direcioná-lo para os propósitos do Cristianismo. Entretanto, como século de transição de mentalidades, de contradições, estas certamente influenciariam inevitavelmente nosso orador-escritor. Por isso ele haveria de inevitavelmente oscilar entre dois modos de ser, quais sejam o sagrado e o profano.

Dessa forma, quando se pensa na obra do jesuíta, deve-se considerar tais circunstâncias. Impregnado de toda uma formação escolástica, em que se abeberou de um sólida literatura clássica, e instruído numa sólida formação teológica, o pensador Vieira vai se expressar numa linguagem típica daquele momento de contradições, com uma característica singular de ser um perfeccionista da *ars rhetorica* cristianizada, que vai estruturar os seus escritos, e um domínio da língua portuguesa manejada com maestria e inovação, cristalizando-se como um clássico que deve se tornar recorrente nos séculos vindouros. Ou seja, o texto vieiriano vai nascer de uma ruptura, qual seja aquela do homem colocado entre duas épocas, dois universos, dois mundos. Só essa circunstância explica e justifica a atuação de Vieira em sua época, sobre a qual seus inúmeros críticos vão continuar a divergir e polemizar séculos afora.

<sup>32</sup> AZEVEDO, p. 628 *apud* BETTIOL, p. 75-76.

## Bibliografia

- AZEVEDO, João Lúcio de. *Cartas do Padre Antônio Vieira*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928. Tomo III. (Biblioteca de Autores Portugueses).
- BETTIOL, Maria Regina Barcelos. *A escritura do intervalo: a poética epistolar de Antônio Vieira*. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2008.
- BESSELAAR, José van den. *Antônio Vieira: o homem, a obra, as ideias*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1981. (Biblioteca Breve; Volume 58).
- BOSI, Alfredo. O orador das multidões. *Cult – Revista Brasileira de Cultura*. São Paulo, n. 164, p. 34-39, Ano 14, Dez. 2011. 66 p. (Entrevista inédita a Marcos Flamínio Peres).
- BULCÃO, Clóvis. *Padre Antônio Vieira: um esboço biográfico*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- CHIAMPI, Irleamar. O barroco e a utopia da evangelização (Vieira e o “Sermão da Sexagésima”). In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; ARAGÃO, Maria Lúcia (Orgs.). *América: ficção e utopias*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1994. (América, raízes e trajetórias; volume 1).
- CORDIVIOLA, Alfredo. O sonhador intransigente ainda ecoa. *Pernambuco Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado de Pernambuco*, Recife, Jan. 2012, n. 71. P. 14-22.
- COUTINHO, Afrânio. *Impertinências*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Niterói: UFF, 1990.
- GUÉNON, René. Os malefícios da psicanálise. In: *O reino da quantidade e os sinais dos tempos*. Tradução de Vítor de Oliveira. Lisboa: Dom Quixote, 1989.
- HANSEN, João Adolfo. Como e por que pregar. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, Ano 7, n. 81, p. 37-39, Jun. 2012. Mensal. ISSN 1808-4001.
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1977. Volume I.
- MENDES, Margarida Vieira. *A oratória barroca de Vieira*. 2. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

- MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.
- NISKIER, Arnaldo. *Padre Antônio Vieira e os judeus*. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- NOVINSKY, Anita. O judaísmo dissimulado de Antônio Vieira. In: DUARTE, Célia Parreira; ALVES, Maria Theresa Abelha. *Padre Antônio Vieira: 400 anos depois*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2009.
- PÉCORA, Alcir. Vieira, o índio e o corpo místico. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Tempo e história*. São Paulo: Cia. das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- SACCONI, Luiz Antonio. *Grande dicionário Sacconi da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico*. São Paulo: Geração Editorial, 2010.
- SÉRGIO, Antônio. Prefácio. In: VIEIRA, Antonio. *Obras escolhidas do padre Antônio Vieira*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1951. Volume I; Cartas (I).

Recebido em: 30/08/2016

Aprovado em: 24/09/2016